

# Artefactos



Edição Especial - Abril 2014



**25 de Abril  
40 anos**



# Editorial

## Sentir Abril 40 anos depois



Adélia Lourenço  
Diretora do Agrupamento de Escolas



**N**ão seria possível deixar passar os 40 anos da revolução militar do dia 25 de Abril de 1974 sem, fazendo um esforço coletivo, levarmos as gerações mais jovens a consciencializarem-se do significado desta data para Portugal. Não é fácil tornar claro para alunos, entre os 10 e os 15 anos, a alegria que os portugueses sentiram nesse dia.

Para a celebração desta efeméride convidaram-se professores e alunos a recorrer à literatura, à história contemporânea, aos relatos, à memória de familiares, ao currículum escolar, aos recursos da Biblioteca, aos documentos cedidos pela Associação 25 de Abril, para produzirem trabalhos que, no seu todo, traduzissem a razão dessa alegria sentida pelos portugueses em 25 de abril de 1974. Estes trabalhos foram desenvolvidos em contexto de aula, sendo coordenados e projetados pelos professores de diferentes áreas disciplinares que aceitaram colaborar neste desafio que foi feito no âmbito do trabalho colaborativo entre a

Autarquia, através da Biblioteca Municipal/SABE e as escolas do concelho, integradas na Rede de Bibliotecas de Coimbra (RBC).

O resultado deste desafio e desta articulação foi exposto

Foi com esse objetivo que a Biblioteca, os professores de História, Português e Educação Visual, os funcionários e o ATL (2º e 3º ciclos) da Escola Martim de Freitas procuraram envolver todos os alunos através da elaboração de cartazes - que constaram numa exposição que ainda está patente na sala de Exposições desta Escola – da elaboração de poesias - com as quais concorreram no âmbito da RBE - e com a entoação de músicas de Abril no âmbito da palestra do Maestro Virgílio Caseiro.

A propósito das palavras que podem ser ditas depois do 25 de Abril, tivemos o voluntariado das professoras Luísa Ivo e Fernanda Braz que falaram das palavras até aí interditas.

A produção de um vídeo por parte de alunos sobre o tema e a exibição do mesmo em todas as

turmas da escola, bem como a distribuição de um cravo vermelho - símbolo de abril - a todos os elementos da comunidade educativa foram também momentos de grande destaque.

Contudo, não podemos deixar de salientar a presença do Tenente Coronel Jorge Golias da “Associação 25 de Abril”, um dos emblemáticos capitães de abril e que de uma forma simples, mas com o orgulho próprio de quem fez parte da revolução, cativou a plateia levando-a a questionar os “Porquês de Abril”.

Para memória futura da comemoração dos 40 anos da revolução na Escola Martim de Freitas, foi inaugurado um painel em azulejos elaborado pelo professor e alunos do clube de cerâmica.

Estamos convencidos que dificilmente a maioria dos nossos alunos irão esquecer o significado de palavras como “liberdade”, “revolução” e “Grândola”...

E esse foi o nosso contributo para tornarmos os nossos jovens, cidadãos politicamente mais conscientes e atuantes.

# Testemunhos



Linhares de Castro  
antigo professor da Martim de Freitas



## FOI HÁ QUARENTA ANOS!

**25** de abril de 1974. São nove horas da manhã, batem à porta da sala onde me encontro a dar uma aula de Português.

Um colega professor, da direção da escola, pede para falar comigo. Um minutinho só, diz. Informa que parece que em Lisboa está uma revolta militar na rua e que foi decidido suspender as aulas e mandar os alunos para casa. Apesar de estarmos em Coimbra, não se sabia a dimensão do que se estava a passar na capital e, pelo sim pelo não, seria melhor todos recolherem às suas residências. No fim daquela aula eu devia anunciar isso aos alunos e eles iriam embora.



Foi assim que tive conhecimento do 25 de abril de 1974.

Eu cumpri o serviço militar obrigatório durante 39 meses e 20 dias e sabia bem que reinava um grande descontentamento nas forças armadas. Parecia-me evidente que mais dia menos dia alguma coisa haveria de acontecer. O quê, não sabia eu, tão repressivo e aparentemente informado era o regime político que vigorava em Portugal há dezenas de anos. Mas falava-se dentro dos quartéis, sobretudo entre os oficiais, que era urgente dar um safanão.

Todavia, dias antes desse abril, quando se deu, a 16 de Março de 1974, a tentativa de golpe militar contra o regime, com o Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha a marchar sobre Lisboa ficou claro que brevemente as coisas iriam ser a sério. O golpe falhou, foram presos cerca de 200 militares, mas adivinhava-se que as forças armadas não iriam ficar quietas por muito mais tempo. Era agora ou nunca.

E porque terá sido necessária uma revolução para fazer cair o regime que durante 48 anos governou Portugal? Vamos aos factos.

Entre 1961 e 1974, um milhão de jovens participaram na guerra colonial que se desenrolou em Angola, Moçam-

bique e Guiné. Destes, quarenta mil foram feridos e dez mil morreram em combate.

Tais números ajudarão a compreender as razões que levaram as gerações mais novas a quererem por um ponto final numa guerra que se arrastava interminavelmente e que tornava Portugal um país cada vez mais pobre, isolado do resto do mundo e indesejável para de viver. Diziam os peritos em guerras que esta estava perdida e que só uma solução de natureza política mudaria o quadro em que Portugal tinha mergulhado.

Mas mais factos contribuíram para o descontentamento.

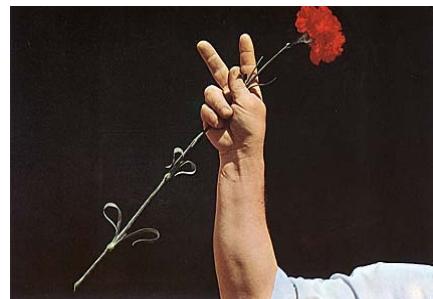
Para além dos rapazes de 20 anos irem (quase) todos para a guerra, havia outras coisas estranhas em Portugal. Um em cada três portugueses não sabia ler nem escrever; nas escolas os recreios (e em muitos casos as aulas) eram separados: de um lado rapazes, de outro raparigas; as alunas não podiam usar calças; muitos discos que se ouviam em todo o mundo eram proibidos em Portugal; as professoras só se podiam casar com autorização do governo e tinham que provar que os futuros maridos ganhavam tanto ou mais do que elas; a coca-cola era proibida em Portugal, as pessoas emigravam para fugirem à pobreza e a uma vida repressiva...

Este era um bocadinho o país que tínhamos, a que precisamos de acrescentar uma polícia repressiva que espiaava o que as pessoas diziam e as prendia e torturava se não estivessem de acordo com as opiniões do governo. Foi, portanto, a vontade de implantar em Portugal uma democracia que levou os militares a virem para a rua, há quarenta anos, fazerem uma revolução. Claro que também havia questões profissionais que aceleraram essa sua vontade, porque reinava um grande descontentamento entre as forças armadas quanto à forma como se fazia a promoção dos oficiais e a exigência da sua permanente disponibilidade para fazerem a guerra colonial.

Quando às nove da manhã de 25 de abril de 1974 me deram a notícia, fiquei um pouco receoso: de que se trataria? Quem estaria por detrás desta revolução? Que desejariam os homens que a faziam? Seriam democratas ou tentariam tornar o regime mais violento do que já era?

Mas os dias seguintes, os meses seguintes, vieram esclarecer: era mesmo um regime democrático que queriam trazer para Portugal. Acabar com o quarto escuro em que estávamos metidos enquanto país, abrir janelas para o mundo que nos tirasse do isolamento internacional em que nos encontrávamos, trabalhar para construir um Portugal diferente.

Quarenta anos depois, pergunto: Valeu a pena? Claro que valeu e muito.



Apesar das dificuldades que hoje enfrentamos, temos a liberdade de opinião que não tínhamos, embora vivamos um momento em que a construção de uma sociedade mais justa e mais igual para todos está a sofrer muitos atropelos e alguma tentativa de destruição.

Podemos falar alto, sem termos que olhar para o lado e desconfiar se a pessoa que está perto de nós nos vai denunciar à polícia, podemos criticar, escolher, defender as nossas ideias. E podemos eleger quem entendermos que melhor serve os interesses de Portugal.

Mas é importante que as pessoas entendam isto; percebam que ir votar é um direito que custou muito a conquistar (nem todas as pessoas podiam votar antes do 25 de abril) e que, apesar das desilusões que vamos tendo com muitos políticos, as coisas só mudam mesmo se nós quisermos.

A seguir ao 25 de abril de 1974, dizia-se que "o voto é a arma do povo". Continua a ser. Ainda agora, no mês de maio, vamos votar para eleger os deputados ao Parlamento Europeu. Muitas coisas da nossa vida se resolvem agora a partir da Europa. Temos que ir votar, incentivar os nossos amigos a irem às urnas, para escolhermos o melhor para as nossas vidas.

Assim poderemos dizer bem alto: **25 de abril SEMPRE!**

# Testemunhos



Fernando Antunes  
antigo professor da Martim de Freitas



## O 25 DE ABRIL FOI HÁ QUARENTA ANOS

**O** 25 de Abril de 1974 está de tal maneira presente em nós que basta dizermos "O 25 de Abril" para sabermos que nos referimos ao **25 de Abril de 1974**.

Como caminhou o mundo até 25 de Abril de 1974? A II Guerra Mundial terminou com a derrota das ditaduras na Europa e consequente triunfo da Democracia. Os Estados Unidos da América, após ajudarem militarmente a Europa a vencer as forças totalitárias, ajudaram também, no plano económico, à reconstrução da Europa devastada. O Maio de '68, em França, mostrou a revolta da juventude e do operariado. Esta revolta veio a ter eco em Portugal com uma das maiores crises estudantis: a chamada "crise académica de 69", em Coimbra. A Conferência de Bandung e as independências das antigas colónias europeias, principalmente em África, tinham atingido os seus objetivos. A chamada Guerra Fria, que opunha a União Soviética e os Estados Unidos da América, continuava com a tentativa de cada um chamar à sua área de influência as jovens nações africanas. A Guerra do Vietname aproximava-se do fim, com a retirada dos Estados Unidos da Indochina.

E nós como estávamos? Terminada a II Guerra Mundial, o chefe de governo, Salazar, continuou a impor ao país um regime totalitário alicerçado na existência de um partido único com abolição da liberdade de associação e de expressão. A existência de uma polícia política – PVDE, PIDE e mais tarde DGS – da censura e de toda uma teia de "filtros" impediam o exercício dos direitos de cidadania a todos os que discordassem do poder instituído. Em 1961, a União Indiana ocupa os territórios do "nossa" Estado da Índia (Goa, Damão e Diu) e inicia-se em Angola uma revolta armada que se vai estender à Guiné e a Moçambique. Salazar recusa toda e qualquer forma de independência dos territórios africanos. Internacionalmente estávamos quase isolados no mundo, mais parecendo que, para nós, o tempo tinha parado. Nas Nações Unidas éramos frequentemente objeto de moções de condenação da política colonial. No final dos anos 60, em virtude da incapacidade de Salazar (chefe de governo desde 1932), o Presidente da República, Américo Tomás, coloca Marcello Caetano à frente do Governo. Este traz ao

país uma esperança de liberalização do regime, que não se veio a verificar, pese embora alguma abertura no campo económico, educativo (reforma Veiga Simão) e político. A guerra em África continuava a soterrar as nossas economias e a juventude era desviada para a frente de batalha, onde permanecia durante dois anos. A Academia Militar deixa de formar oficiais em número suficiente para enquadrar as companhias mobilizadas. Os oficiais operacionais eram quase exclusivamente milicianos que transportam para o meio militar toda a efervescência e contestação que se vivia nas universidades. Os oficiais de carreira encaravam de modo cada vez mais reticente a obrigatoriedade de terem de fazer sucessivas comissões de serviço em Angola, Guiné e Moçambique.

Chegamos a 1974 com mais de 8000 mortos na guerra e as Forças Armadas a considerarem que tinha chegado ao fim a sua missão na Guerra de África, isto é, dar ao poder político o tempo necessário para solucionar o problema surgido. Perante o iminente risco de colapso na Guiné, veem com apreensão a possibilidade de serem considerados os responsáveis pelo desaire militar, tal como sucedeu na Índia em 1961.

Perante este panorama, alguns oficiais, de patente intermédia, em 1973, organizam-se (Movimento dos Capitães) para protestarem contra o poder existente. Inicialmente as razões são de natureza corporativa, mas rapidamente evoluem (o Movimento dos Capitães passa a Movimento das Forças Armadas) para uma clara contestação ao regime, tendo como fim último o derrube deste. Em 16 de Março há uma tentativa de intervenção militar com a saída de uma coluna militar do Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha. Esta movimentação foi contida às portas de Lisboa com a posterior detenção dos oficiais responsáveis.

Este facto levou os restantes oficiais do Movimento das Forças Armadas a melhorarem a sua organi-

ganização e a 25 de Abril de 1974 diversas colunas militares convergem em Lisboa, depõem o Governo e devolvem ao povo as mais amplas liberdades. Apontam como caminho a seguir: democratizar, descolonizar e desenvolver.

Permitam-me uma curiosidade quanto à minha situação em 1974. Cumpria o serviço militar obrigatório numa unidade de Coimbra (Regimento do Serviço de Saúde) como Aspirante a Oficial Miliciano e estava mobilizado para seguir para Moçambique. Por curiosidade, quando se dá o 25 de Abril, estava "acampado" nos arredores de Coimbra à frente do pelotão que iria comandar. Fui mandado regressar ao quartel e passado pouco tempo vivi a alegria inebriante que todo o país viveu. Fomos das últimas unidades a embarcar para África... Em Moçambique assisti a todas as convulsões que precederam a independência, tendo regressado na véspera desta, à boleia, pois tinham-se esquecido de mim!...

Até Novembro de 1975 vive-se uma fase de grande instabilidade política tendo a partir desta data sido invertida a tendência da tomada do poder pelas forças políticas mais à esquerda.

Os militares foram-se progressivamente afastando do poder, cumprindo a promessa feita de devolver o poder ao povo.

E chegamos a 2014. Impõe-se a pergunta: valeu a pena? Claro que sim, pese embora a grave crise que vivemos. A liberdade não tem preço. A democratização (formal?) avançou. A descolonização fez-se, embora à custa de grandes sacrifícios para os povos descolonizados. O desenvolvimento é aquele que mais amargura nos tem trazido: muito embora tenhamos progredido imenso em relação ao Portugal do início dos anos 70, continuamos na cauda da Europa. Por mais de uma vez tivemos que pedir ajuda externa extraordinária para salvar as nossas finanças e hoje vivemos momentos de grande incerteza quanto ao futuro.

Ao longo dos séculos várias foram as crises vividas pela Nação Portuguesa, sempre delas tendo renascido. Tenhamos pois esperança de que também agora conseguiremos ultrapassar as dificuldades sentidas.



# Testemunhos



Luísa Ivo

antiga professora da Martim de Freitas



## UMA AVENTURA

**D**urante a tarde de 24 de abril de 1974 recebi, no local onde então trabalhava, em Santa Iria de Azóia, um telefonema de um amigo meu (\*), pedindo-me que fosse ter ao seu escritório de advogados, no final do trabalho.

Vivíamos então um momento muito difícil. O meu marido (\*\*) tinha deixado o país há cerca de duas semanas para não ser preso pela PIDE. Eu tinha ido na primeira semana desse mês de abril preparar a sua saída, viajando até Genebra, onde ele tencionava viver, passando por Madrid, onde estava previsto passar uma noite, e por Bruxelas onde um amigo nos emprestaria um passaporte, para ele poder viajar com um passaporte falso. Ele tinha passado os cinco meses anteriores em casas seguras, onde não se esperaria que a PIDE o procurasse, pouco tempo em cada uma, quase sem sair de casa, lendo, estudando e passando os contactos que tinha a outros companheiros, a fim de se preservar o trabalho de articulação de variadíssimos grupos existentes no país. Durante esse período a PIDE nunca o procurou na casa em que vivíamos, em Lisboa, e foi por essa razão que este nosso amigo, um apoio decisivo neste processo, me contactou.

Guardo para sempre o que então me disse:

que o movimento dos capitães, que conhecíamos e que se aguardava, ia avançar nessa madrugada e que os objetivos passavam pela libertação dos presos políticos e regresso dos exilados, pela instauração de um regime democrático com liberdade de expressão, de reunião, de associação e de manifestação, assim como pelo fim da guerra colonial, e pela extinção da PIDE-DGS e... mais...

que tinha estado numa reunião preparatória com militares e que os tinha alertado para a necessidade de se estabelecerem esquemas de segurança, para a eventualidade das coisas não correrem bem e que, ainda nessa mesma tarde, estava a fazer contactos para arranjar locais para militares se podessem resguardar, caso algo falhasse; se eu aceitava receber, em minha casa, nessa noite, alguns desses militares, correndo todos os riscos dessa decisão; que já tinha tudo preparado para a mi-

nha resposta afirmativa e que só teria que encontrar uma alternativa se eu recusasse.

Como a minha resposta foi a esperada, começámos a preparar a operação pormenorizadamente. Em particular, recordo que estava definida uma senha, escolhida de forma a eu não ficar muito comprometida se a operação fosse apanhada pela PIDE: os militares viriam procurar o meu marido, ele não estava em casa e como eles precisavam de um lugar para dormir, pois supostamente viveriam fora de Portugal, eu deixá-los-ia ficar. Além disso eu teria que lhes lembrar que deveriam retirar do carro em que se transportavam um qualquer sinal identificador do movimento, qualquer coisa como um selo, um adesivo ou assim. Seria importante que eles se mantivessem discretamente em casa, aguardando instruções.

Acontece que o número da porta que tinha sido indicado a estes militares estava errado... Apercebemo-nos disso nesta revisão circunstanciada das tarefas a realizar. Estava criado um gravíssimo problema e a azáfama dos implicados não combinava com um contacto a alterar a morada dada, no contexto do momento, com cuidados conspirativos redobrados. Acertámos, por isso, que eu deveria, às duas horas da manhã, colocar na porta ao lado da minha, um papel bem visível, com uma seta, com o nome do meu marido, dizendo que ele morava ao lado, no número 9. Foi com muita emoção e com uma esperança enorme que nos despedimos, acreditando que tudo iria correr bem e que seria já em liberdade o nosso próximo encontro.

Acordei com o despertador um pouco antes das duas horas da manhã. Preparava-me para ir colocar a mensagem na porta ao lado quando à janela avistei o meu amigo, chegando de carro, com outra pessoa. Não os esperava. Vinham animados, dizendo que o primeiro sinal para a saída dos militares tinha sido dado, que tinham passado junto de vários quartéis que estavam iluminados, provavelmente a decidir acerca da sua adesão ao golpe e que me mantivesse em casa, atenta à rádio. Fiz-lhes café e despedimo-nos, agora mais seguros do avanço vitorioso dos militares. Acabaram por ser eles

a colar o letreiro na casa ao lado. Quando o despertador tocou de novo, antes das sete horas, liguei o rádio e ouvi aquilo que todos sabemos: marchas militares, os diversos comunicados do MFA e, mais tarde, recordo-me bem, o Zeca Afonso a cantar.

Não havia dúvidas! Tudo tinha corrido bem, até agora! Aguardei umas horas mais, como me competia, à varanda, ainda sem exteriorizar as emoções que sentia. E acabei por sair, percebendo, mais tarde, que o fizera um pouco antes do que a prudência exigia... Com amigos dei uma volta por Lisboa, passando por alguns locais importantes, nomeadamente a baixa e o Terreiro do Paço, sede do poder político. O coração trasbordava de alegria, de entusiasmo, de otimismo, de alívio, de esperança, de surpresa, de espanto... Indescritível! Estavam a cair 50 anos de ditadura e repressão! O sonho estava a tornar-se realidade!

Os tempos que se seguiram constituíram uma vitória sobre o medo e marcaram decisivamente as nossas vidas. Mulheres e homens tomaram nas mãos o seu destino e em todo o lado começaram a viver de outra forma, intervindo ativamente na mudança. O que poderia ter sido apenas um golpe militar transformou-se numa revolução. E acabámos com a guerra colonial que os antigos governantes teimavam em manter. Foram dias cheios de liberdade e festa. Aquilo que era impossível passou a realizável e participámos num profundo processo de transformação social, em Portugal. Foi um privilégio espantoso ter feito parte deste incrível movimento de apropriação da liberdade, do tomar da palavra, da ocupação da cidade, da auto-organização, da luta coletiva por melhores condições de vida, enfim, do esforço de construção de um país melhor, de uma sociedade mais fraterna e solidária, sem injustiças.

Houve muitas coisas que mudaram para sempre e foi o **25 DE ABRIL** que o permitiu. Valeu a pena a Revolução do 25 de Abril!

(\*) Victor Wengorovius (1937 – 2005)

(\*\*) José Dias

# Testemunhos



João Guedes  
antigo professor da Martim de Freitas



## ONDE É QUE VOCÊ ESTAVA NO 25 DE ABRIL

Testemunho de um professor que tinha 19 anos em 1974

**F**icaram célebres as entrevistas – posteriormente parodiadas por Herman José – que o jornalista e escritor Baptista Bastos efetuou para o jornal Público, cujo mote era a pergunta do título, numa altura em que a avaliação do significado histórico dessa data deixava de ser consensual.

Pois “há que dizer com toda a frontalidade” (como ele dizia) que o 25 de abril de 74 me “apanhou em cheio” mas desprevenido. Não que não se aguardasse “alguma coisa”, tão evidentes eram os sinais de desagregação da estrutura social, económica e cultural herdada do longo consulado de Salazar, ao qual sucedera – sem a prática de grandes mudanças – Marcelo Caetano; o mal-estar era profundo e assumido quase descaradamente, malgrado o “papão” omnipresente, a PIDE, por algumas elites mais politizadas (às quais não pertencia, nem de longe: a nossa formação decorreu numa família tradicional e em escolas católicas e muito conservadoras e 18 meses antes, como qualquer funcionário público, havia assinado um juramento a renegar as ideias subversivas e a pertença a organizações secretas!!!) Mas foi de todo inesperado, sobretudo quanto ao tempo e ao modo como surgiu e aos intervenientes primeiros – capitães e maiores pouco conhecidos, sendo claro que Spínola se limitara a insinuar-se, de modo a colher o que outros haviam semeado.

Quando, ao acordar para ir para o trabalho – na escola do 1º ciclo da Póvoa de S. Martinho – meu pai me lançou um duvidoso “parece que há zaragata!” e me deu mais algumas informações que colhera na rádio de que era ouvinte assíduo, pensei, de imediato: “Mais uma intontona como a das Caldas...” Sem grandes ansiedades ou receios, aprestei-me para cumprir o horário e as tarefas rotineiras; porém, a conversa com o colega que me dava boleia foi bem diversa: o professor A. estava “em pulgas” e tinha bons motivos para tal – o seu filho tivera que exilar-se no estrangeiro para fugir ao serviço militar obrigatório e ele já antevia a possibilidade de o ver regressar livremente. Ao almoço, confirmavam-se as melhores expectativas: o golpe militar fora bem sucedido e o que se anunciava era uma mudança em direção da democracia – apesar da insistência “oficial” em afirmar que a nossa era já “tão livre como a livre Inglaterra”.

Como grande parte da população de Coimbra, à tarde fui para a baixa da cidade procurar os amigos e conhecidos – não havia telemóvel, nem internet nem essas coisas modernas! – para conversar sobre o que se passava e “assaltar” os jornais de Lisboa que iam chegando – ainda guardo um exemplar, que costumo utilizar nas aulas do 6ºano. A maioria estava exultante, embora sem saber muito bem o que se seguiria – ou tanto sobre o futuro as versões mais desencontradas.

Não me lembro se nessa hora me apercebi da consequência mais imediata para mim: estava à beira de ser incorporado no serviço militar obrigatório – o carimbo fora parentético: “apurado para todo o serviço”, apesar de a inspeção ao mancebo (!), realizada meses antes, ter detetado graves insuficiências ao nível da visão – mas a mudança política em Portugal implicaria, certamente, alteração na relação com as colónias...

(Talvez valha a pena fazer um parêntesis para insistir nesta questão do serviço militar. É preci-

so ter vivido a sua aproximação inexorável para se compreender quão violento era ver “roubados” os (quase) quatro melhores anos da vida de um jovem, ser retirado do seu convívio familiar normal, dos seus estudos ou da sua profissão e “atirado” para um quartel e, depois, para a profundezas das matas africanas, sob a justificação de que “Portugal não é um país pequeno”, “Angola é nossa”, “Portugal, do Minho a Timor” e outros slogans largamente difundidos mas que não conseguiam convencer a maioria de que aquela guerra não era sua. E ter assistido ao regresso de conhecidos e familiares, abalados no corpo e no espírito – mais do que matar, aquela era uma guerra que traumatizava. E ter visto as lágrimas e as romagens diárias das mães, esposas e namoradas aos santos da sua devoção... Em Coimbra, nos anos da contestação estudantil, a PIDE intimidava com a incorporação imediata no serviço militar daqueles que se revelassem demasiado ativistas, desrespeitando o direito ao seu adiamento para que os estudantes terminassem os seus cursos universitários.)

À noite, as ações na capital concluídas, fui às aulas do 7º ano (atual 12º), no Externato Lusitanas, onde frequentava o curso do liceu com o objetivo de entrar na faculdade. As aulas desse dia deram lugar a exaltadas discussões sobre os acontecimentos. Nunca me vai esquecer o alarmado da professora de Geografia que antecipava já “o abandono” das colónias africanas, sobretudo de Angola, a que se seguiria a entrada das duas grandes potências do tempo da guerra fria – USA e URSS – atraídas pelas riquezas destes territórios (sobretudo os diamantes e o petróleo), cada uma delas apoia um movimento de libertação diferente, do que resultaria uma guerra inevitável e terrível – quicá “o início da 3ª guerra mundial”! (Descontando o exagero, não deixou de acertar em algumas profecias!)

Verdadeiramente inesquecível foi a jornada do 1º de Maio, celebrado pela 1ª vez em liberdade! O Estádio Universitário e os terrenos anexos ficaram repletos de gente (seriam 100 mil?) de todos os grupos sociais, credos ou origens, irmados na euforia – no delírio? – e na esperança em melhores dias. “O povo, unido, jamais será vencido!” Foi o único 1º de Maio de união, a nossa festa dos cravos. No ano seguinte, o cortejo desde a Praça da República já se “quebrou” em grupinhos conforme a sua simpatia ideológica e a festa nunca mais foi a mesma. Até hoje.

Inesquecível, também, a 1ª vez em que fui votar, em 25 de abril de 1975, no Liceu D. Duarte – e muitos milhares como eu, apesar de terem idade muito mais provecta. Com a ânsia, foi toda a gente de manhãzinha, formaram-se filas enormes mas em que a boa disposição, os ditos e as piadas animaram o tempo. (À falta de cadernos atualizados, as mesas de voto eram organizadas pela ordem alfabetica do 1º nome e, a páginas tantas, um brincalhão gritou lá de trás “O João?”, e, imediatamente, centenas de cabeças se voltaram e desataram a rir.) A sensação era a de que o nosso voto era importante, o nosso voto contava, nós “mandávamos” verdadeiramente em Portugal...

Passada “a balbúrdia” do final do ano letivo – que foi, apenas, mais uma entre muitas naquelas meses agitados – aprestava-me para entrar na faculdade mas, desilusão das desilusões, a Universidade simplesmente não abriu nesse

ano para novos alunos. Em desespero de causa, um grupo de estudantes-trabalhadores tentou pôr de pé uma Universidade privada, em regime cooperativo, funcionando no período noturno. Havia já professores contactados, instalações, etc. mas o plano foi “sabotado” por grupos de estudantes ligados a partidos e organizações de extrema-esquerda, sob o pretexto de que aquela “seria uma Universidade ao serviço do capital e dos grandes grupos económicos”. (A generalização das escolas privadas do ensino superior teria de esperar mais uns anos; mas valeu a pena, porque nenhuma delas – das atuais – está ligada “a grandes grupos económicos”!)

Como se vê, o 25 de abril atingiu-me diretamente, para o bem e para o mal.

E poderia a mudança política ter decorrido de modo diferente? Sem aqueles meses de quase guerra civil? Sem tantos dramas humanos relacionados com o regresso dos portugueses que estavam nas colónias? Sem as guerras tão sangrentas entre os movimentos de libertação? Sem a destruição do melhor do nosso aparelho produtivo – na agricultura e na indústria, sobretudo? Poderia... Sobretudo se Portugal não se tivesse mantido tanto tempo “orgulhosamente só”.

Ao assinalar o quadragésimo aniversário do 25 de abril, acho que devemos centrar-nos essencialmente no que de positivo significou para os portugueses ou, como se diz, “das portas que abril abriu”. Sem qualquer ordenação, cito: a instauração de um regime político de democracia pluripartidária, com eleições livres e isentas de batota; a igualdade de direitos, independentemente da cor, da raça, do sexo; a liberdade de pensamento, de religião, de opinião, de expressão, de criação; o direito de lutar pelos seus direitos, recorrendo aos sindicatos, à greve, às manifestações; o fim da censura (como se exerceria com a internet? Não sei, mas os censores haveriam de descobrir meios); a descolonização, com o nascimento de novos países e o fim da guerra colonial; a liberdade plena de escolher uma profissão ou atividade (p. exemplo, professoras e enfermeiras eram condicionadas nessa escolha); a liberdade de associação – sindical, cultural, recreativa, política); o fim da polícia política e das suas perseguições à margem da lei e dos direitos humanos; o fim do isolacionismo internacional; o reconhecimento dos direitos dos nascidos fora do casamento tradicional; o direito ao divórcio dos casados pela igreja; a igualdade de direitos das mulheres, nomeadamente no seio do casal; igualdade de direitos para os casais, unidos ou não pelo casamento; o fim da fúria regulamentadora do Estado no que se refere a todos os aspectos do quotidiano, tal como “a moral e os bons costumes” (até a medida dos fatos de banho!); o acesso generalizado à saúde, à educação, à assistência social; e etc. etc. etc. Terá sido, porventura, o período da nossa história em que funcionou melhor (apesar de tudo...) o “elevador social” com base nas capacidades pessoais (usadas para o bem ou para o mal...) e na educação. E se muitos aspectos das mudanças operadas se poderão pôr em causa, não restam dúvidas de que Portugal do início do século XXI era muito diferente – para melhor! – do Portugal dos anos sessenta – mesmo salvaguardando a evolução normal das sociedades.

Acho eu!

# Testemunhos



Jorge Sales Golias  
capitão de abril



## O 25 DE ABRIL - 40 ANOS DEPOIS

**H**á 40 anos Portugal era o país mais atrasado da Europa. Estava-se no 48.º ano da Ditadura, em plena guerra colonial, de 3 frentes: Angola, Moçambique e Guiné.

O país era essencialmente rural, com pouca indústria, com elevado índice de analfabetismo, sem as liberdades básicas de um povo europeu: de expressão, de reunião, de associação, etc.

Oprimido pela Polícia Política e pela Censura, fechado sobre si próprio e ao mundo, o país definhava moral e materialmente, gastando a maior parte do seu rendimento na guerra colonial. Os mais afoitos emigravam para França, transformando Paris na 2.ª cidade portuguesa.

Os jovens de então tinham que optar entre ir para a guerra (cumprindo um serviço militar de cerca de 4 anos) ou desertar, deixando para trás todos os seus sonhos de juventude.

Os mais curiosos de cultura, vasculhavam as livrarias e os alfarrabistas, procurando os livros que sabiam existir, mas que estavam num **Índex** de livros proibidos em Portugal.

De vez em quando havia um simulacro de eleições, com vencedores antecipados, como foram as de 1958, nas quais o **General Humberto Delgado** derrotou o candidato do regime. A vitória custou-lhe a vida, às mãos da PIDE, em terras de Espanha.

A maior parte da população estudantil, ou nem sequer ia à escola ou ficava pela instrução primária. Raros eram os que tinham possibilidades de frequentar o Ensino Secundário e mais raros ainda os que tinham acesso à Universidade.

A memória mais forte que guardo desse tempo é a de muitos dos meus colegas de escola, de pés descalços, fosse Verão ou Inverno, aliás, como nas restantes escolas do interior do país.

Nos quartéis entravam grandes contingentes de oficiais milicianos, vindos das universidades, a maior parte com os seus cursos interrompidos. Levaram com eles a contestação ao Regime e a politização para dentro do meio militar.

Os jovens capitães estavam cansados de guerra e receptivos a ideias libe-

rais, sonhando com regimes democráticos, à semelhança da maior parte dos países da europa civilizada.

Um rastilho de teor corporativo levou os capitães a reunir-se para contestar um decreto-lei que os prejudicava. Mas depressa ultrapassaram essa perspectiva de classe para evoluírem para objectivos políticos bem definidos.

Mais do que os problemas de carreira valia a situação política do país: uma velha e caduca ditadura que torturava e metia nas prisões os mais válidos quadros da sociedade portuguesa e uma guerra colonial sem fim à vista, cuja solução tinha deixado de ser militar para passar a ser política.

Na **Guiné**, onde a guerra era mais violenta, contra um inimigo mais bem apetrechado, foram efectuadas as primeiras reuniões em que, pela 1.ª vez, se falou na preparação para uma revolução armada. Estávamos em Julho de 1973.

Seguiram-se as reuniões no continente e depois nas restantes colónias. Tinha nascido o **Movimento dos Capitães (MOCAP)**, mais tarde **Movimento das Forças Armadas (MFA)**. Os oficiais contestários na Guiné (Otelo, Salgueiro Maia, dentre outros) acabavam as suas comissões e regressavam à Metrópole.

Em 25 de Abril de 1974, o MFA desencadeou uma vasta operação militar, comandada pelo **Otelo** e outros (Garcia dos Santos, Vítor Crespo, Vítor Alves, etc.) e executada no terreno por muitos outros, dos quais se destacou **Salgueiro Maia**, o grande herói de Abril.

O Regime caiu de podre, quase sem resistência, e o povo nas ruas transformou o golpe de Estado numa Revolução: a **Revolução dos Cravos**, porque teve flores e se processou sem sangue. Com uma excepção: os tiros que os pides deram sobre o povo em frente à sede da polícia política e que fizeram os únicos mortos da revolução.

O MFA apresentou então o seu programa político ao país, o programa dos 3 DD's: **Descolonizar, Democratizar e Desenvolver**.

E começou pela Descolonização dando a independência às colónias, cumprindo assim a determinação da Organização das Nações Unidas (ONU), e em

respeito pelos ventos da História, mas ao fazê-lo com décadas de atraso, o processo saiu prejudicado. Foi a Descolonização possível, naquelas circunstâncias.

Em simultâneo tratou de preparar os passos para a Democratização, admitindo a existência de **Partidos Políticos** e procedendo a eleições para a uma **Assembleia Constituinte**, que iria preparar a **Constituição da República Portuguesa**.

Assim foram criadas as condições para o Desenvolvimento, que se queria nos planos **económico, científico e cultural**. A missão do MFA cumprisse depois com as primeiras eleições legislativas, que permitiram ter um **Parlamento** livremente eleito e um Governo legítimo. Seguiu-se um **Presidente** eleito e um **Poder Judicial** independente do Poder Político, marcas essenciais de um Regime Democrático, com os seus três poderes.

Entretanto o Povo nas ruas lutava pelos mais elementares direitos cívicos, pela emancipação da mulher, pelos direitos da criança, pelo direito ao trabalho, pelo acesso ao ensino público. A democratização do **Ensino Público**, foi uma das maiores conquistas do 25 de Abril. Outra conquista marcante foi a do **Poder Municipal**, por muitos considerada a maior conquista do 25 de Abril.

O MFA não se agarrou ao poder, nunca quis o poder, e os cargos que os capitães exerceram foram num legítimo contexto de transição. Recusaram ser promovidos na consequência de terem vencido o golpe militar, como era costume nestas situações. E, contas feitas, acabaram por ser prejudicados nas suas carreiras, como acontece muitas vezes nas revoluções. Por isso se diz que a revolução acaba por devorar os seus próprios filhos!

Mas vivem hoje de consciência tranquila, cientes de que cumpriram um papel histórico, libertando o seu povo do jugo da opressão. Vive-se hoje incomparavelmente melhor do que há 40 anos, mas a luta por melhores condições de vida tem de continuar e os capitães de abril continuam presentes nos movimentos sociais, pugnando por uma sociedade mais justa, mais equilibrada e mais feliz.

# 25 de abril visto pelos alunos



## 40 anos do 25 de Abril

**E**stou nervosa,  
Como nunca estive antes,  
Amanhã é um grande dia,  
Pois não queremos vigias constantes.  
Já é madrugada,  
Todos têm rádios consigo,  
Estão à espera da música,  
Para saírem do abrigo.  
Os militares avançam,  
Na direção do Terreiro do Paço,  
Estão todos preparados,  
Com as armas debaixo do braço.  
Começo a sair à rua,  
Com o resto da população,  
Vamos apoiar os militares,  
E mostrar a nossa indignação.  
Alguns com cravos ao peito,  
Outros na ponta da espingarda,  
Fizeram com que a ditadura cedesse,  
E deixasse de ter o país à sua guarda.  
Assim fizemos sucesso,  
Tudo o que querímos era bondade,  
Lutámos pelo nosso país,  
Viva a liberdade!

Ana Catarina Gonçalves, 9ºF

## Grândola vila morena (adaptada)

**J**á foi há quarenta anos  
Que houve um golpe militar  
Para pôr fim ao regime  
Imposto por Salazar

O povo já estava farto  
Da censura e da PIDE  
E p'ra comer o que lhe davam  
Já não tinha apetite.

Muita gente se revoltou  
Com a guerra colonial  
Gastou-se quarenta por cento  
Da riqueza nacional.

O MFA tinha três D's  
Como lema p'rá nação  
*Democracia, Desenvolvimento*  
E *Descolonização*.

O governo estava velho  
Fez-se uma revolução  
Deram-nos cravos vermelhos  
E nova Constituição.

Os jovens pintaram muros  
Cantaram com alegria  
Planeou-se o futuro  
De uma democracia!

Laura Mariz, 9ºF

## Liberdade

**F**alam-me de cravos encarnados  
De abril há quarenta anos  
Não há flores. Nasço nos prédios desbravados  
A minha revolução é na rua  
Dezasseis anos apenas... só carrego desenganos  
Por isso...  
**Borboleta** leva-me contigo  
Nas tuas cores  
Nesse teu mundo de brincadeira  
Sem tristezas nem horrores  
Quero ser como tu  
Saber voar, ir para bem longe  
Abstrair-me deste mundo  
Ganhar contigo o horizonte  
Quero ser livre  
Quero ser feliz  
Olhar para o passado  
E orgulhar-me do que fiz  
**Liberdade** - nove letras e um sonho  
Palavra desconhecida  
Para quem na guerra diária  
Perdeu a infância e a vida  
Sonhamos que voamos  
Mas continuamos com os pés nesta terra  
Crianças sem liberdade  
Perdem a vida nesta guerra  
Revolução constante, dorida  
Sempre posta à prova  
Para quê adaptar-me  
A um povo que não me aprova?  
Liberdade espero por ti  
Mas só te atrasas  
Ainda estou à espera  
Que me envolvas nas tuas asas.  
Falam-me de cravos cheirosos  
De mudança colorida  
Não há flores. Nasço na cidade dorida  
A minha revolução é **agora**  
As memórias não são minhas  
Prefiro as borboletas aos cravos de outrora.

Rafael Ramos, 3º ciclo (CEO)

## A Liberdade

**A** liberdade faz parte da felicidade  
todos a merecemos  
não importa se vivemos  
em vila ou cidade.

É um pássaro livre  
pelos céus a voar  
deixem-no em liberdade  
no seu lugar a habitar.

A liberdade é para todos  
para o bem e para o mal  
não interessa se é  
pessoa ou animal.

Margarida Almeida, 4ºA

# 25 de abril visto pelos alunos



## Revoltas no Alentejo

### O pós 25 de abril

**C**om a revolução do 25 de abril de 1974, ocorreu a ocupação das propriedades pelos trabalhadores, com o lema “A terra a quem trabalha”, dando origem a uma reforma agrária.

Com este movimento, os trabalhadores rurais tomaram as terras onde trabalhavam, expulsando os proprietários e criando as UCP (Unidades Coletivas de Produção). Nestas unidades, a gestão das propriedades foi assumida pelos trabalhadores que devido à sua baixa preparação e ao conflito de vários interesses, acabaram por ir à falência muito rapidamente. Mesmo propriedades de alto rendimento agrícola acabaram por ser abandonadas e, mais tarde, recuperadas pelos seus donos.

Estas ocupações não ocorreram apenas ao nível das terras mas também originaram a ocupação das casas onde os proprietários das terras viviam com o respetivo saque e apropriação de tudo o que lhes pertencia. No Alentejo viveu-se assim um clima de terror e abuso de poder tendo os proprietários das terras sido obrigados a fugir para o norte do país, onde a revolução foi mais pacífica, ou para o estrangeiro.

Com este relato pretendo lembrar que nem tudo foram “cravos” na revolução do 25 de Abril!!!

Margarida Freitas, 6ºG



## Testemunho do ex-militar João Rigueira

**N**a madrugada do dia 25 de Abril de 1974 o meu avô estava em casa, na Figueira da Foz. Tinha chegado há meses da Guiné, sua terceira missão no Ultramar. Avisaram do quartel para se prepararem para avançar em direção a Lisboa, tal como outros quartéis já combinados. Ele, na altura maior, ficou muito preocupado. Uma revolução não é um passeio, e tudo podia acontecer. Conseguiriam os seus objetivos (ocupar os postos principais de comando, a televisão, a rádio Emissora Nacional e outros...)? Haveria apoio da população, de outros militares? A Guerra do Ultramar durava há 13 anos, ele próprio desde 1961 que ia e vinha periodicamente: primeiro em Moçambique num povoado escondido lá no norte chamado Marias, em 1966 em Luanda e, em 1971, a mais difícil, na Guiné na localidade de Farim. E nestas coisas pensava enquanto passavam as horas. Sentia-se cansado, como muitos, e muito preocupado com as possíveis consequências.

As boas notícias começaram a chegar, a população cansada da guerra aderiu com entusiasmo. Em vez de tiros apareceram, sabe Deus como, cravos nas espingardas e caras felizes por toda a parte.

A democracia estava aí. Novos partidos se formaram para que as pessoas votassem e escolhessem de acordo as suas ideias. Claro, seguiu-se um ano agitado, alguma instabilidade e indisciplina mas no dia 25 de Abril de 1975 realizaram-se as primeiras eleições livres. A votação foi em massa como nunca mais foi.

E assim o meu avô, embora com certa amargura da entrega tão rápida das nossas possessões em África, ficou tranquilo.

Já reformado, passa agora os seus dias de volta com os livros, a música e provavelmente as memórias dos seus tempos em África.

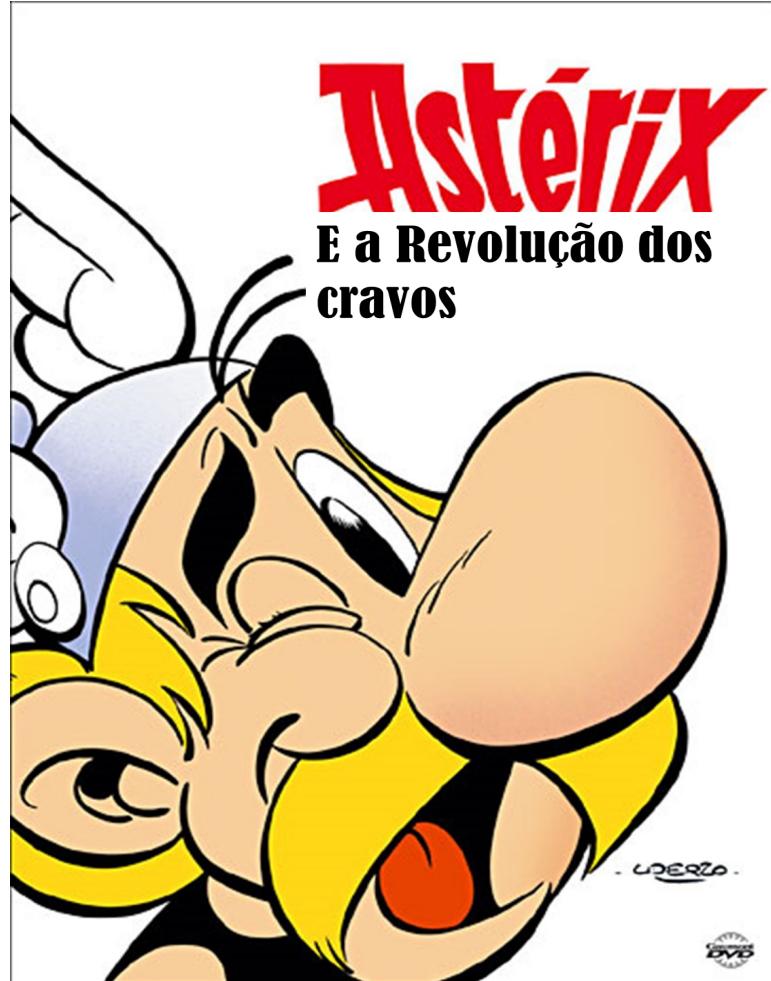
Ricardo Adolfo, 6ºG

## A Liberdade

**L**iberdade, liberdade  
olhar para o amanhecer  
sem ser preciso ter idade.  
Nunca serás igual,  
porque agora tudo é real.  
Cantar, brincar e ler,  
uma criança já pode fazer.  
E não ter de cumprir um dever,  
é o melhor que se pode ter.  
Agora que tudo é melhor,  
já posso escrever uma poesia,  
e aqui vai ela com asas,  
é como se fosse magia.

Margarida Marques, 6º D

# 25 de abril visto pelos alunos



(...)





Sim, ditadura é a concentração dos poderes do Estado numa só pessoa, num partido único, num grupo ou numa classe que o exerce com autoridade absoluta, há alguns livros proibidos e a PIDE tortura as pessoas para obter confissões e denúncias, manda prender opositores ao regime, viola correspondência e invade residências.

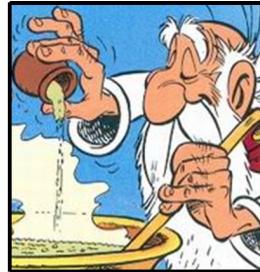


*Na floresta, Panoramix e Cacofonix seguem o rasto do Obélix e do Astérix.*



As pegadas acabam aqui. Cacofonix, ajuda-me a procurar as bagas verdes, tenho de analisá-las para saber para onde é que eles foram.

(...)



Descobri! Já sei onde é que eles estão!



Às 22h 55m é transmitida a canção *E depois do adeus*, de Paulo de Carvalho, pelos Emissores Associados de Lisboa. Este é um dos sinais previamente combinados pelos golpistas, que desencadeia a tomada de posições da primeira fase do golpe de estado.



Boal! Um pouco de música para animar a malta!

*E depois do adeus*



Democracia é um sistema político em que a autoridade emanada do conjunto dos cidadãos, baseando-se nos princípios de igualdade e liberdade.

O segundo sinal é dado às 0h20 m, quando a canção *Grândola, Vila Morena* de José Afonso é transmitida pelo programa *Límite*, da Rádio Renascença.



LIBERDADE!  
LIBERDADE!  
LIBERDADE!

LIBERDADE!

# 25 de abril visto pelos alunos



## Preso pela PIDE

**O** meu bisavô paterno, Henrique Ricardo Pereira, que vivia na ilha da Madeira, foi preso, durante a ditadura de Salazar, pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) por fazer parte do partido comunista português (PCP). Neste partido político o meu bisavô pertencia ao Comité Regional da ilha da Madeira, que organizava reuniões e direcionava todas as células do partido na ilha. Na altura, estas atividades eram consideradas “atividades subversivas”.

O meu bisavô era mecânico e foi preso enquanto trabalhava, ou seja, na oficina de automóveis da Ford, da qual era funcionário.

Esteve, no total, quatro anos preso (1947-1951), em dois locais diferentes: os primeiros seis meses numa prisão do Funchal e o restante tempo (três anos e meio) na prisão de Caxias.

Proc. Ind. ....	13/48	Proc. Cr. ....	Proc. Mar. ....	Proc. S. S. ....
N.º ..... Apelido PEREIRA "O Mestre Henrique" Nome completo HENRIQUE RICARDO PEREIRA Outros nomes usados .....  Filho de António Pereira ..... e de Maria Isabel Pereira (falecidos) Natural de S. Luzia - Funchal Nacionalidade portuguesa Nascido em 3 de Abril de 1906 Profissão Serralheiro mecânico da Ford c/c Ema de Sousa Pereira Passaporte { N.º ..... tirado em ..... em ..... ou Cédula Pessoal { ..... * ..... * ..... * ..... * ..... Multado em ..... / ..... / ..... / ..... / ..... / ..... / ..... / ..... Cadastro N.º ..... Processo N.º ..... Mod. 62-10.000 ex. - S.953 - 85536 - Albano T. dos Anjos, L.** 				

Último domicílio no Estrangeiro	R. da Carne Azeda, 97		
Fronteira	Entrada Saída	RESIDÊNCIA	Entrada Saída
Actividades subversivas (preso em 24-5-1948)			

Esta é uma das fichas de prisão do meu bisavô (frente e verso) com os seus dados pessoais e a causa da sua detenção: “atividades subversivas”.



Todas as cartas eram lidas, carimbadas e por vezes censuradas por agentes da PIDE.

Rosa Silva, 6º G

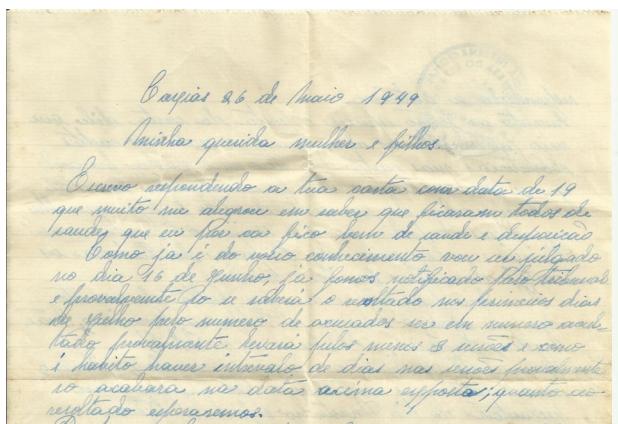
as, em Lisboa.

Foi julgado no Tribunal Plenário da Boa Hora (Lisboa), depois de estar preso no Funchal e antes de ser preso em Caxias. Este tribunal julgava sessenta e cinco a oitenta pessoas ao mesmo tempo. Estas pessoas não tinham direito a advogados, e, mesmo que os tivessem, estes não podiam falar nem defender os réus.

“Esta experiência provoca um grande sentimento de revolta”, o que “não é nada saudável.” Estas foram as palavras da minha avó, Maria Isabel Sousa Pereira, filha do meu bisavô, que me relatou estes factos.

O meu bisavô tinha dois filhos pequenos quando tudo isto aconteceu e a única forma de comunicação entre ele e a família era através das inúmeras cartas que trocavam. No entanto, tinham que ter muito cuidado com o que escreviam para não serem censurados pelo lápis azul.

Aqui ficam alguns excertos destas cartas:

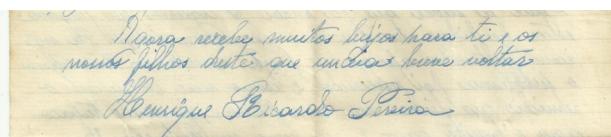


Caxias, 26 de Maio de 1949

Minha querida mulher e filhos,

Escrevo respondendo a tua carta com data de 19 que muito me alegrou em saber que ficaram todos de saúde de que eu por cá fico bem de saúde e disposição.

Como já é do vosso conhecimento vou ser julgado no dia 16 de Junho, já fomos notificados pelo tribunal e provavelmente só se saberá o resultado nos primeiros dias de Julho pelo número de acusados ser em número avultado provavelmente levará pelo menos 3 sessões e como é hábito haver intervalo de dias nas sessões provavelmente só acabará na data acima exposta; quanto ao resultado esperaremos.



Agora recebe muitos beijos para ti e os nossos filhos  
deste que anseia breve voltar

Henrique Ricardo Pereira

# A Festa na Escola

## 40 anos depois



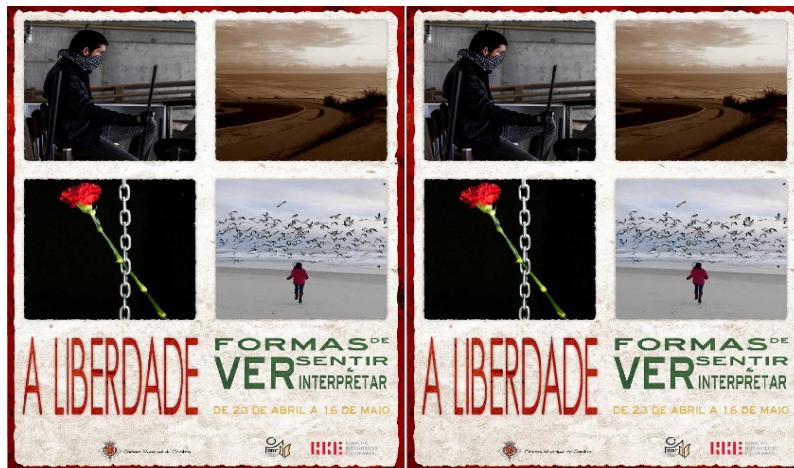
Sentir Abril

## Programa

	<b>Exposições:</b> “Cartazes de Abril” “ Abril, trabalhos mil” “Liberdade... Poemas de ver, pensar e sentir”	Associação 25 de Abril - Biblioteca Trabalhos dos alunos: • Sala de Exposições • Bloco C e Átrio Bloco E RBE - Casa da Cultura
23	Músicas de abril	Maestro Virgílio Caseiro - Auditório
23 a 30	Documentário “ A hora da liberdade”	Biblioteca Escolar
22 a 24	“A fábula dos feijões cízentos – 25 de abril como quem conta um conto” - José Vaz	3º e 4º ano- Biblioteca Martim de Freitas
22 a 24	“Sonhos de Abril”	5º ano- prof. Fernanda Bráz e Luísa Ivo
24	<b>“24 em Festa”</b>  8:30 – “Abril – 40 anos” 10:15 – “Cravo, símbolo de abril”  10:30 – “ Porquês de Abril”	Vídeo em todas as salas de aula  Entrega a todos os membros da comunidade escolar de um cravo  Encontro com: Tenente coronel Jorge Golias -“Associação 25 de abril”  Reflexão e debate com alunos do 6º e 9º ano  Declamação de poemas
24	“ A liberdade faz anos” – Prof. Isabel Marques	1º,2º, 3º e 4º ano – Centro Escolar de Montes Claros

# Exposições

## “Abril, trabalhos mil”



**P**or todos os espaços da escola, propícios a afixação de trabalhos dos alunos, foram exibidas as mais variadas criações artísticas, com o objetivo de celebrar o acontecimento histórico que após 48 anos, devolveu a democracia a Portugal.

O resultado foi uma profusão de cor e de grafismo simbolizando a Alegria, a Paz e a Liberdade de uma Revolução que começou por ser militar, e que se tornou a de um povo com vontade de mudança.

Os trabalhos foram a concretização de projetos desenvolvidos, em situação de aula, pelas turmas da escola sede do Agrupamento.

**A** propósito dos 40 anos do 25 de Abril e tomando como mote a Liberdade e a celebração desta efeméride, a Câmara Municipal, através da Biblioteca Municipal, propôs às escolas do concelho de Coimbra, integradas na Rede de Bibliotecas de Coimbra, um desafio interpretativo deste acontecimento histórico nacional.

Assim, convidaram-se professores e alunos a recorrer à literatura, à história contemporânea, aos relatos, à memória de familiares, ao currículum escolar, aos recursos das Bibliotecas Escolares e Municipal, para produzirem trabalhos que traduzissem a sua forma de ver, sentir e viver A Liberdade.

Estes trabalhos foram desenvolvidos em contexto de aula, sendo coordenados e projetados pelos professores de diferentes áreas disciplinares que aceitaram colaborar neste desafio que foi feito no âmbito do trabalho colaborativo entre a Autarquia, através da Biblioteca Municipal/SABE e as escolas do concelho, integradas na Rede de Bibliotecas de Coimbra (RBC).

O resultado deste desafio e desta articulação foi exposto nas galerias municipais Pinho Dinis e Ferrer Correia na Casa Municipal da Cultura entre 23 de abril e 16 de maio.

*Texto: Folha de sala de exposição (adaptado)*





## Cartazes de Abril

**F**oram muitas as turmas, de todos os ciclos, que de uma forma orientada, visitaram a exposição "Cartazes de Abril", patente na biblioteca da escola

Martim de Freitas.

Composta por 16 cartazes evocativos da revolução de Abril e gentilmente

disponibilizados pela Associação 25 de Abril, foi uma boa oportunidade para

os alunos contactarem com a técnica de cartaz, e as mensagens que lhe estão subjacentes.

No final da visita os alunos foram convidados a expressarem a sua preferência através de uma singela votação. O Cartaz mais votado foi o de 2010 com 62 votos

Exposição: "Cartazes de Abril"			
O melhor cartaz			
1993			2006
1997			2007
2000			2009
2001	X		2010
2002			2011
2003			2012
2004			2013
2005			2014



# Sonhos de abril

**C**ontributo precioso foi o de duas professoras recentemente aposentadas que, em todas as turmas de 5ºano, propuseram aos alunos uma reflexão sobre palavras que o 25 de Abril de 1974 transportou do dicionário para o quotidiano dos portugueses. Através de um excerto de filme, poemas, imagens de

cartazes e murais, os alunos foram convidados ao diálogo e a um pequeno registo poético sobre sonhos de liberdade, de paz e de vida digna, num contexto de democracia e participação na política e nos destinos do nosso país.



## PALAVRAS...

*Revolução*

*Cravos*

*Mudança*

*Liberdade*

*Justiça*

*Escolha*

*Democracia*

**MANIFESTAÇÃO**

*Igualdade*

## FRASES...

*Passagem de um regime fascista a um regime igualitário.*

*União do povo.*

*Maior revolução. A partir desse dia a liberdade de expressão começou finalmente a ser aceite.*

*Nova maneira de pensar.*

*Novo regime que pretende igualar a sociedade.*

*Uma grande revolução que levou a uma grande mudança na vida das pessoas.*

# Músicas de abril



**V**irgílio Caseiro, Maestro e Pedagogo, conhecido quer no meio académico, quer no âmbito de (múltiplas) aparições públicas onde sempre tentou mostrar o quanto importante é a música para o ser humano, presenteou-nos com a sua presença no dia 23 de abril no âmbito das atividades comemorativas, na nossa escola, dos 40 anos do 25 de abril. O tema era “Músicas de abril”...

Foi recebido pela Teresa e pela Marta, antigas alunas, com uma “lembrança musical”, tal como gosta que aconteça em todas as suas aulas. Logo aí aconteceu “magia”: as alunas tocavam flauta, os colegas do 6ºB

entoavam, o professor acompanhava ao piano e o maestro declamava “Trova do vento que passa”.

Continuou numa comunicação muito educativa e apelativa com vários salpicos de humor que contagiam todos os alunos.

Excelentes foram os exemplos criados até se concluir que a música de intervenção é uma categoria que engloba canções compostas com o intuito de questionar a realidade envolvente, seja ela de natureza social, política ou económica.

Obrigado pelo momento contagiente, por toda a sua extroversão e disponibilidade para o diálogo.



**N**o dia 24 de abril, às 8.30, foi distribuído um cravo a todos os membros da comunidade,. Este símbolo de abril foi replicado mil vezes pelo setor do ATL—Cáritas Diocesana.

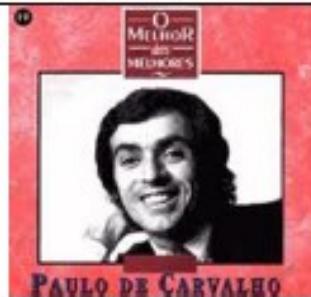
**A**s 8:30 do dia 24 de abril, em jeito de alvorada, é visualizado em todas as salas de aula o vídeo constituído pelas

<b>40 ANOS 25 DE ABRIL</b>		<b>Ditadura: CAUSAS DO DESCONTENTAMENTO DA POPULAÇÃO:</b>
	<b>Depois de mais de 40 anos de Ditadura, os militares criaram o MFA (Movimento das Forças Armadas) e prepararam uma revolução sem derramamento de sangue.</b>	
<b>JOSÉ AFONSO</b> 	<b>00:30h às 3:00h - deu- se por todo o país o inicio das movimentações das tropas fiéis ao MFA comandadas por Otelo Saraiva de Carvalho.</b>	
	<b>Entretanto o povo saiu à rua para apoiar o MFA</b>	
		<b>Uma revolução feita com cravos e sem derramamento de sangue por parte do MFA.</b>
 Foram dias longos a esperar por um só dia. Alegrias. Desalgaras. Foi o tempo que dola com seus raios e seus danos. Foi a noite e foi o dia, na esperança de um só dia.  Manuel Alegre	<b>FONTES DE PESQUISA</b> <a href="https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw">https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw</a> <a href="https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw">https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw</a>	<a href="https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw">https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw</a> <a href="https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw">https://www.google.pt/search?q=pt-PT&amp;site=imghp&amp;tbm=isch&amp;source=hp&amp;biw</a>

imagens que a seguir divulgamos, e que foi feito na disciplina de História e Geografia de Portugal por um grupo de alunos de 6º ano.



**22:45h - Dia 24 de Abril**  
A Rádio Renascença passa a canção "E Depois do Adeus" de Paulo de Carvalho.  
Era a senha para os militares saírem dos seus quartéis.



**00:30- Dia 25 de Abril**  
Passa na Rádio a canção de Zeca Afonso "Grândola, Vila Morena".  
Era o 2º sinal para o inicio das operações militares.

**4:30h - Depois da ocupação da RTP, o MFA fez o seu 1º comunicado do seu posto de comando, obrigando Marcello Caetano a refugiar-se no Quartel do Carmo, sobre proteção da PIDE.**



**DIA 25 DE ABRIL**  
**6:00h às 9:00h - O MFA ocupa o Terreiro do Paço com tropas comandadas por Salgueiro Maia**



**15:00-17:00 - As tropas de Salgueiro Maia entram no Quartel do Carmo e conseguem a rendição de Marcello Caetano**



**A PIDE abriu fogo sobre os civis e fez os únicos quatro mortos deste dia. Sem este incidente , tinha sido um dia perfeito!**



Produtores:  
João Donato 6ºG  
João Paiva 6ºG  
José Miguel 6ºG  
Inês Martins 6ºB (declamação do poema)

Alexandre Cristóvão  
9ºA (assistência à gravação do som)  
Professora Lúcia Teixeira

Fim

## Reportagem

**E**ra o dia 24. Não fosse abril seria uma quinta feira igual a todas as outras na escola.

Às 10:30, a turma acompanhada pela diretora deslocou-se ao auditório da escola, para assistir à comunicação do senhor tenente coronel Jorge Golias sobre a revolução de abril de 1974.

A diretora da escola abriu a sessão dando as boas vindas às pessoas presentes na sala. De seguida, houve um momento de poesia em que três dos nossos colegas leram poesias de Miguel Torga: "Liberdade", de Manuel Alegre: "Abril de Abril" e de Sophia de Mello Breyner: "25 de Abril". Seguiu-se a apresentação da biografia do senhor tenente coronel Jorge Golias por um aluno do nono ano. Assim, ficámos a saber que este era natural de Mirandela, que iniciou os seus estudos em Vila Real e lhes deu continuidade em Lisboa. Esteve na guerra colonial entre 1972/1974. Pertenceu ao grupo (MOCAP) e mais tarde ao MFA que preparou a revolução militar.

No decorrer da sessão, o senhor tenente coronel Jorge Golias abordou quatro pontos:

- "O Contexto Mundial"
- "O Contexto Nacional"
- "A Guerra Colonial"
- "Revolução de abril"

Num discurso claro falou-nos de como se vivia durante o Estado Novo. Na escola primária era o único que tinha sapatos (hoje vive-se muito melhor); os namorados se se abrasassem em público eram multados porque era contra a moral e os bons costumes; a primeira Coca Cola que bebeu estava na tropa e gostou muito. Porque tudo isto, em Portugal Continental, não era permitido.

No final da comunicação houve um espaço de debate e um momento musical em que foram cantadas as canções de "Grândola Vila Morena" e o "Hino do MFA" com a adaptação da letra feita pelo professor de música João Eufrásio. Num momento mais descontraído foram pedidos autógrafos e feitos registos fotográficos.

Foi um privilégio para todos nós termos ouvido e convivido com um elemento importante da Revolução de Abril.

Mafalda Geraldes | Jorge Anjinho, 6ºG



## O 25 de abril / Hino do M.F.A.

Numa alvorada de abril  
A tropa saiu à rua  
P'ra acabar com a guerra  
Nesta pátria que era a sua.

Não houve feridos nem mortos  
Mas sim muitos cravos  
Uma flor que é do povo  
Nas espingardas dos bravos.

Depois do sofrimento  
E de lembranças más  
Era a esperança que vencia  
Serena em nome da paz.

E fez-se a revolução  
Que muito veio mudar  
Dando a quem nada tinha  
O direito de ir votar.

E assim ganhou a democracia  
E todo o povo, todo o ovo  
Ganhou alegria.

Um grito então foi ouvido  
O povo unido nunca mais será vencido.



*Letra adaptada pelo prof. João Eufrásio a partir de um poema de José J. Letria*

# “Porquês de abril”

## Poesias de abril

### Abril de abril

Era um Abril de amigo Abril de trigo  
Abril de trevo e trégua e vinho e húmus  
Abril de novos ritmos novos rumos.

Era um Abril comigo Abril contigo  
ainda só ardor e sem ardil  
Abril sem adjetivo Abril de Abril.

Era um Abril na praça Abril de massas  
era um Abril na rua Abril a rodos  
Abril de sol que nasce para todos.

Abril de vinho e sonho em nossas taças  
era um Abril de clava Abril em acto  
em mil novecentos e setenta e quatro.

Era um Abril viril Abril tão bravo  
Abril de boca a abrir-se Abril palavra  
esse Abril em que Abril se libertava.

Era um Abril de clava Abril de cravo  
Abril de mão na mão e sem fantasmas  
esse Abril em que Abril floriu nas armas.

*Manuel Alegre*



### Liberdade

— Liberdade, que estais no céu...  
Rezava o padre-nosso que sabia,  
A pedir-te, humildemente,  
O pio de cada dia.  
Mas a tua bondade omnipotente  
Nem me ouvia.

— Liberdade, que estais na terra...  
E a minha voz crescia  
De emoção.  
Mas um silêncio triste sepultava  
A fé que ressumava  
Da oração.

Até que um dia, corajosamente,  
Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado,  
Saborear, enfim,  
O pão da minha fome.  
— Liberdade, que estais em mim,  
Santificado seja o vosso nome.

*Miguel Torga, in 'Diário XII'*

### 25 de abril

Esta é a madrugada que eu  
esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e  
do silêncio  
E livres habitamos a subs-  
tância do tempo

*Sophia de Mello Breyner*



**N**asceu em 1941 em Mirandela. Após o ensino secundário feito no Colégio de Nª Sra. do Amparo e o antigo 7º ano no Liceu Nacional de Vila Real, cursou a Academia Militar (Exército - Arma de Transmissões) e licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica no IST.

Participou na guerra colonial (Guiné 72-74) e no 25 de Abril de 1974. Foi Chefe de Gabinete do Encarregado do Governo da Guiné, membro da Assembleia do MFA, Assistente do Conselho de Administração dos CTT/TLP e Adjunto do Chefe de Estado-Maior do Exército.

Pertence à Associação 25 de Abril e é co-autor das seguintes obras: "Vinte e

Cinco de Abril – 10 anos Depois", "As Transmissões Militares – da Guerra Peninsular ao 25 de Abril", "Mirandelês", "Bicentenário do Corpo Telegráfico 1810-2010" e "Os Anos de Abril".

Pelo seu papel no 25 de Abril é citado na História de Portugal de José Matoso (Vol. VIII, p.21) e tem o seu nome gravado na pedra do monumento aos capitães de Abril, de Grândola. Prefaciou vários livros, apresentou várias publicações de autores transmontanos e vem fazendo crítica literária.

Tem contribuições dispersas por vários órgãos de comunicação, como o Notícias de Trás-os-Montes e Alto



### Breves notas biográficas

#### Jorge Sales Golias

Douro, Mensageiro de Bragança, Poetas e Trovadores, Jornal do Exército e a revista Almenara, do Regimento de Transmissões. Publicou ainda "Histórias de Guerra", no Bloque da Comissão de História das Transmissões. Foi dos mais ativos redatores do blogue Avenida da Liberdade, da A25A.

Foi diretor das revistas militares "O Protão" e "ZOE", esta considerada uma das melhores revistas de guerra. O seu nome consta da Bibliografia do Distrito de Bragança, de Hirondino Fernandes e está fichado para o Dicionário dos Mais Ilustres Transmontanos, de Barroso da Fonte.

**C**om o objetivo de preservar a memória e os ideais da revolução de abril de 1974 foi descerrado um painel cerâmico criado em articulação com os grupos de História e Educação Visual e executado pelo professor José Torres Macedo.



## Reconhecimento

(e-mail de 29 de abril de 2014)

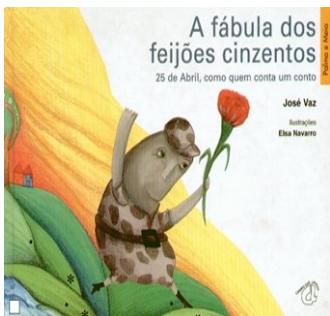
**A**ntes de mais venho manifestar a minha satisfação e admiração pela forma tão simpática e, sobretudo, profissional, como organizaram a comemoração dos 40 anos do 25 de Abril.

Na verdade, desde a interpretação de várias canções pelos alunos até ao canto final da Grândola, sem falhas, dada a ajuda oportuna do Mestre, tudo correu de maneira impecável, numa organização sem falhas, com o empenho da Diretora e demais professores, tendo-me deixado uma impressão extremamente positiva da superior condução de

um estabelecimento de ensino. A corroborar tal facto cito ainda, *last but not the least*, o exemplar comportamento dos alunos, que conheciam suficientemente bem o tema, e que foram altamente participativos no debate. Foram todos impecáveis, não apenas na apresentação da minha pessoa, no entusiasmo das canções, nos aplausos e até nos autógrafos que me pediram, e, bem assim, na oferta do azulejo dos 40 anos da Liberdade. No final foi com emoção que participei no descerramento do painel de azulejos alusivos à efeméride. (...) Os meus parabéns e o meu reconhecimento pela excelência com que decorreu este evento histórico.

Jorge Sales Golias

## EB 1 Martim de Freitas



**P**ara comemorar os 40 anos da "Revolução dos Cravos", em Portugal, assistimos na biblioteca da nossa escola à projeção de um PowerPoint sobre a "Fábula dos Feijões Cinzentos".

A história relata a falta de condições de vida e a ausência de direitos dos feijões (personagens desta fábula) que viviam num reino à beira mar plantado.

Os feijões, na sua maioria, mudaram de cor e tornaram-se, com o passar dos anos, cinzentões pela opressão em que viviam impos-

ta pelos feijões mandões. Um dia, decidiram organizar-se para derrubar os "ditadores" e unidos fizeram uma revolta. Desta forma, ganharam liberdade para expressar as suas opiniões e, em conjunto, tomarem decisões a instituir no reino, tendo por lema a "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".





## Jardim de infância de Montes Claros

### 25 de abril

**A** comemoração dos 40 anos do 25 de Abril abrangeu várias atividades que culminaram com a elaboração de um cravo pelos meninos da sala 1 e da sala 2 e por um cartão alusivo ao tema pelos meninos da sala 3.

Todos juntos vimos imagens sobre este acontecimento histórico que foram projetadas em powerpoint. Cantámos canções sobre o 25 de Abril e as educadoras contaram histórias da época.

**C** om o professor de música também cantámos canções acompanhadas à viola.  
Aprendemos coisas novas e foi muito bom!

VIVA O 25 DE ABRIL

## Jardim de infância dos Olivais

**N**o âmbito das comemorações do 40º aniversário do 25 de Abril, o Jardim de Infância dos Olivais promoveu atividades para dar a conhecer às crianças quatro décadas de democracia e liberdade: leram-se histórias alusivas ao tema, fizeram-se pesquisas na Internet, visionaram-se vídeos, cantaram-se canções da época, fizeram-se cravos e escreveram-se poemas... As crianças ficaram a saber, por exemplo, que muitos livros foram proibidos pelo governo antes da Revolução de Abril, que não havia liberdade de expressão, que havia procedimentos diferentes para homens e mulheres e que não se podia sair de Portugal sem a autorização do governo.

Isabel Rosado



## EB 1 de Montes Claros

### Encontro com Maria Isabel Marques

**A** apresentação do livro "A menina liberdade" de Maria Isabel Marques, pela autora, e elaboração de um painel de cravos envolvendo todas as turmas da escola.





1974 2014